

Dizeres sobre mulheres: um olhar discursivo sobre/para o corpo gordo-negro

Saying about women: a discursive look at/to fat-black body

Ana Paula Picagevicz¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
ana.paula17021986@gmail.com

Andriele de Chaves Bortolin²

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
andrieledechaves@gmail.com

Isabela Karolina Gomes Ferreira Oliveira³

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE
isabela.karolina@hotmail.com

RESUMO: Considerando que há, atualmente, um culto ao corpo tido como “ideal” (leia-se magro), procuramos refletir, neste estudo, sobre o padrão corporal imposto à mulher. Nesse cenário, destacamos a mulher negra e gorda, pois entendemos que esse sujeito encontra em sua forma física mais um meio de preconceito e discriminação. Assim sendo, objetivamos analisar, a partir do aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso de orientação francesa, como os sujeito-mulher e os seus corpos são atravessados, de modo incisivo, pelos ditames de uma sociedade patriarcal e capitalista. Para isso, recortamos, como *corpus*, enunciados presentes no curta-metragem “Gorda”, disponível no *YouTube*, uma vez que se parte do princípio de que os dizeres que lá circulam, ainda que tentem romper com os paradigmas do corpo “perfeito”, revelam dificuldade de aceitação. Assim, entendemos que esses discursos mais reafirmam do que rompem barreiras para a “quebra” de padrões. Diante disso, os conceitos de Ideologia, Condições de Produção, Formação Discursiva, Formação Ideológica e Memória Discursiva foram mobilizados para ancorar teoricamente a discussão, pois compreendemos que, por meio deles, é possível perceber como os valores socioculturalmente instituídos são (re)produzidos discursivamente.

Palavras-chave: Discurso; Corpo gordo; Mulher negra.

ABSTRACT: Considering that there is, currently, a cult of the body considered “ideal” (read thin), we tried to reflect, in this study, on the corporal pattern imposed on women. In this scenario, we highlight the black and fat woman, as we understand that this subject finds in her physical form an other means of prejudice and discrimination. Therefore, we aim to analyze, based on the theoretical-methodological contribution of Discourse Analysis of French orientation, how the

¹ Doutoranda e bolsista CAPES pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestra em Letras por esta mesma instituição de ensino. Graduada em Letras pela Faculdade Assis Gurgacz.

² Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestra e graduada em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

³ Doutoranda e bolsista CAPES pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Mestra e graduada em Letras por esta mesma instituição de ensino.

subject-women and their bodies are incisively traversed by the dictates of a patriarchal and capitalist society. For this, we cut out, as a corpus, statements made by two of the characters present in the Brazilian short film “Gorda”, available on YouTube, since it is assumed that the words that circulate there, even though they try to break with the paradigms of the “perfect” body, reveal difficulty in acceptance. Thus, we understand that these speeches reaffirm rather than break barriers for the “breaking” of standards. Therefore, the concepts of Ideology, Production Conditions, Discursive Formation, Ideological Formation and Discursive Memory we remobilized to theoretically anchor the discussion as we understand that, through them, it is possible to perceive how the sociocultural values established are reproduced discursively.

Keywords: Discourse; Fat body; Black women.

Introdução

O corpo, no cenário atual, destaca-se em vários discursos e áreas de saber como, por exemplo, a religião, a ciência, a moda, a mídia etc. Diante dessa importância que ganha, vale ressaltar que a noção de corpo belo, magro e saudável é almejada por mulheres desde as mais jovens até as de mais idade. E essa busca se torna mais dura quando, em um país plurirracial e patriarcal como o Brasil, valoriza-se um determinado perfil como modelo de beleza, em detrimento da variedade que constitui o país.

O Brasil é um país em que a maioria da população é negra, mas que destacava, até há pouco tempo, de modo substancial, como ícones de beleza as mulheres brancas, quando pensamos, por exemplo, em modelos como Gisele Bündchen. O que nos permite observar que certos modelos de beleza mantêm-se absolutos por muito tempo antes de passarem por mudanças, sendo ressignificados e apresentados em sua variedade, conforme lembra Braga (2013). A imagem da mulher brasileira, neste “padrão”, é loura, branca, de olhos claros e curvilínea (desde que magra), o que remete a um padrão de beleza dominante que perdurou/perdura desde o período escravocrata e que ressoa muito vívido até hoje. A beleza seria, nesses moldes, uma construção histórica e produto de uma memória ressignificada, afirma a autora, ao estudar os conceitos de beleza negra no Brasil.

No campo da Análise de Discurso (doravante AD), teoria que norteia nosso estudo, há importantes pesquisas que possuem como temática a beleza negra. Citamos aqui a de Braga (2013), que faz um percurso histórico sobre a beleza negra no Brasil a partir da memória que temos sobre o que é ser belo; e a de França (2018), que baseada em uma perspectiva interseccional, busca perceber os múltiplos sentidos de Brasil e brasileira(o) em discursos vinculados ao domínio do turismo, observando como ocorre uma (re)produção de discursos que remetem a uma memória da colonização e refletem no imaginário social que se tem a respeito do corpo das mulheres.

No entanto, o intuito de nossa pesquisa é perceber como o imaginário de beleza afeta o sujeito mulher negra, considerando a memória que atravessa esse imaginário. Quando nos atemos ao sujeito mulher, ao corpo feminino, compreendemos que as mulheres sofrem de diversas pressões/opressões e a estética é a mais intransigente, pois funciona como uma moeda de troca social à mulher. É preciso ter o corpo aclamado socialmente para adquirir, por consequência, saúde, boa forma física e beleza. Quem se distancia do que é posto como o padrão ideal, vivencia uma vida marcada por uma incessante busca para se enquadrar nos moldes vigentes e, assim, ser aceita no meio social.

Basta olhar à volta para ver que não é fácil manter uma conectividade com o corpo, já que, muitas vezes, ele pode ser considerado como a porta de entrada para a exclusão e para a violência de gênero, seja ela física ou psicológica. Trata-se de um processo de mutabilidade do sujeito e que, quando observamos o cenário que diariamente reforça a necessidade de as mulheres vigiarem a própria aparência com tanta determinação, torna difícil imaginar como é possível fugir dessa onda ideológica que vem e vai, mostrando que seu corpo pode estar “fora” do padrão.

Ao evidenciarmos tais pontos, questionamo-nos como é possível não se deixar afetar por essa concepção do que é ter um corpo bonito. E, quando esse corpo pertence à mulher negra, como esses valores que circulam em torno da estética funcionam no tocante da sociedade plurirracial e patriarcal que coloca a mulher desde sempre em um lugar subalterno? Os padrões de beleza impostos socialmente podem ser ainda mais excludentes quando se trata da mulher negra?

Para pensar o corpo do sujeito mulher, que além de gorda é negra, e como ele é afetado pela padronização do que é ser belo e saudável na sociedade capitalista, escolhemos o curta-metragem *GORDA*, material produzido pela *Youtuber* Luiza Junqueira para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Radialismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O documentário foi produzido no ano de 2016 e circulou, na época, em diversas mídias sociais. De acordo com a autora, “o filme é um curta-metragem documentário que aborda a relação de três mulheres gordas com seus corpos. O filme pretende questionar os conceitos de padrão de beleza, investigando a subjetividade de cada personagem depoente” (RIBEIRO, 2016, p. 6). Ela, ainda, salienta que essa produção parte de uma inquietação pessoal, pois como mulher e gorda, ao divulgar outro ensaio – “Espelho Torcido” –, em 2013, em sua página do *Youtube*, percebeu a receptibilidade do público e que projetos como esses estavam se tornando ferramentas de movimentos ligados ao empoderamento de mulheres que são consideradas “fora” do padrão de beleza corporal. A partir desse material, portanto, buscamos analisar o discurso das personagens: Elisa Nesi, 20 anos, negra e gorda, e Dandara Aryadne, 24 anos, branca e gorda.

Para isso, a presente pesquisa se pauta nos pressupostos teórico-metodológicos da AD, que tem seu início na França, na década de 1960, cujo principal representante é Michel Pêcheux. No Brasil, foi desenvolvida a partir da década de 1980, difundida e ampliada por Eni Puccinelli Orlandi. Podemos dizer que a AD se caracteriza como uma disciplina de entremeio, uma vez que ela se constitui entre disciplinas, a saber: a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise, a fim de evidenciar como os discursos funcionam.

Para essa teoria, o corpo é linguagem e não apenas *status* de forma de expressão, é resultado das relações político-histórico-simbólicas, uma vez que, de acordo com Orlandi (2012, p. 95), ele “não escapa à determinação histórica, nem à interpelação ideológica do sujeito. O corpo não é infenso à ideologia. Por isso pode ser tão afetado como o é em nossa sociedade de consumo, de mercado, de tecnologias”. Deste modo, percebemos, pois, que o corpo está atrelado às condições de cada tempo, há um imaginário social sendo construído em torno dele e, em razão disto, há discursos que estabelecem como ele pode/deve ser. Se, por um lado, temos um ideal estético propagado socialmente, por outro, os sujeitos que não atendem ao perfil do corpo magro parecem ser “convidados” a experimentar os mais variados dissabores. Ao passo que um é enaltecido, outro é inferiorizado. É tendo como base essa premissa que buscaremos desenvolver o presente artigo.

O corpo na Análise de Discurso: uma breve contextualização

O corpo, para a AD, é tomado como materialidade discursiva, um objeto de análise que, ao ser trazido para a teoria, não pode ser mobilizado apenas com um ou outro conceito sem que se agregue outros no movimento teórico-analítico.

A AD, conforme já mencionado, é uma teoria de entremeio e, como seu próprio nome sugere, ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em ideia de movimento: discurso é palavra em movimento. Sendo assim, buscamos compreender, fundamentalmente, a língua funcionando e produzindo sentidos. Cabe ressaltar que, hoje, dentro desse campo teórico, é possível se trabalhar com diversas materialidades discursivas e, para essa pesquisa, escolhemos tratar do discurso do/sobre o corpo.

Para a análise de discurso o corpo surge estreitamente relacionado a novas formas de assujeitamento e, portanto, associado à noção de ideologia. Mais do que objeto teórico, o corpo comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constituem. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como o lugar do visível e do invisível (FERREIRA, 2013, p. 78).

Assim sendo, buscamos perceber, através da língua em funcionamento, as problemáticas sócio-históricas e ideológicas que pesam sobre os corpos dos sujeitos, considerando, para isso, que, na atualidade, para que ele seja belo e saudável precisa,

necessariamente, ser moldado na academia, na clínica de estética, em hospital que realiza cirurgia plástica, entre outros meios disponíveis no mercado do consumo para se obter o corpo aclamado socialmente.

Isso nos remete às condições as quais regem a formação social capitalista que nos constitui enquanto sujeitos na contemporaneidade. O corpo, em consequência disso, assume a categoria de produto no tocante à boa forma e à saúde, ao passo que se torna lugar de inscrição do sujeito, submerso nessa Condição de Produção (doravante CP) que o determina. Além de empírico, o corpo é articulado em seus aspectos socioideológicos, uma vez que eles definem a conduta dos sujeitos no decorrer da história. Um corpo que é abrigo do sujeito constituído entre o assujeitamento ideológico e o inconsciente. Conforme Ferreira (2013, p. 77), “corpo e discurso andam próximos no campo teórico da análise do discurso. E isso não é motivo de espanto. Afinal, corpo é tanto uma linguagem, como uma forma de subjetivação”. Ao considerá-lo como tal, torna-se possível analisá-lo, já que há dizeres que ditam como ele pode/deve ser, quais tamanhos e formas ele deve ter para se enquadrar nos ditames de cada tempo.

É, pois, tomando o corpo como objeto de análise que propomos observar como as CPs de cada época influenciam na busca por um padrão corporal tido como ideal. É através delas que entendemos ser possível retomar a conjuntura em que um dado discurso é produzido e funciona (INDURSKY, 2013). Afirmar isso é também compreender que as CPs implicam o contexto sócio-histórico-ideológico do dizer. Nesta perspectiva, “o corpo apresenta-se como uma superfície sobre o qual se inscreve o social” (SOUZA, 2004, p. 18), e, diante do imaginário construído em torno dele, por meio de vários qualitativos estéticos (loira, branca, magra com seios e glúteos arredondados e firmes), que formamos um julgamento de valor e de moral sobre a conduta pessoal. Ser/estar/parecer bela é obrigação das mulheres e, por isso, o corpo é um “lugar” em que o poder social se estabelece. Para Novaes (2013, p. 90, grifos nossos):

O que é normativo para a mulher contemporânea não é o fato de os modelos de beleza serem impostos, uma vez que o discurso sempre foi esse, nem mesmo de que seja dito que ela deve ser bela, mas o fato de se afirmar, sem cessar, que ela pode ser bela, se assim o quiser.

Desse modo, podemos perceber que a aparência é de responsabilidade das mulheres, que se baseia na capacidade individual de atender a um dever moral. Diante disso, observamos que os discursos que circulam colocam a mulher a serviço do próprio corpo, para

modificá-lo, ‘aperfeiçoá-lo’ ou mutilá-lo. A diferenciação se dá pela exclusão entre aquelas que têm e as que não têm, aquelas que conseguem alcançar o ideal produzido socialmente em comparação com aquelas que não possuem condições físicas, psicológicas e financeiras para atender ao modelo corporal prestigiado atualmente. Nesse sentido, tudo que foge ao que é apresentado é posto como algo que deve ser transformado, pois a gordura é considerada como inimiga da saúde e, nesse caso, também da boa forma e da beleza.

Isso posto, falamos de um corpo já significado por uma memória. Na AD, a memória discursiva é concebida como um saber, “é constituída de todo dizer já dito”, afirma Orlandi (2006, p. 18). A memória discursiva é um saber que faz com que, ao falarmos, as palavras façam sentido; ela diz respeito à recorrência de dizeres que irrompem em um determinado período histórico, sendo atualizada ou esquecida segundo o processo discursivo: ela é sempre um ‘já lá’ do discurso. Nessa mesma toada, Pêcheux (2020) aponta que a memória discursiva é elaborada a partir de uma esfera coletiva e social, que produz as condições necessárias para o funcionamento discursivo. É essa memória que traz à tona ao sujeito-mulher que o corpo, para ser belo, sensual, agradável e feminino, precisa ser magro.

Entre gordas e magras: para quem a sociedade aponta o dedo

O corpo é uma constante metamorfose, expressão de poder e de diferenciação entre os sujeitos. É um artefato biológico ao mesmo tempo em que é simbólico, ele provoca diversas inquietações. Ao longo dos anos, ele teve suas formas, seu peso, seu funcionamento e regularidade/padrão modificados. Fato esse que nos leva a observar que nem todos os sujeitos sentem-se bem com seus corpos, pois “o corpo de cada um pode parecer extremamente familiar e concreto em certos momentos, mas, em outros, bastante desconhecido e abstrato” (SANT’ANNA, 2006, p. 4). Nesse aspecto, os dizeres e imagens sobre/do corpo divulgados nos diferentes espaços sociais, a partir das Formações Ideológicas (doravante FI), vão constituir um conjunto de sentidos que naturalizam determinadas significações para o corpo do sujeito. Os sentidos como beleza e feiura se constituem nesse processo.

Historicamente, os corpos assumem diferentes formas e valores, no entanto, pode-se dizer que a história das mulheres está mais intimamente ligada à história dos seus corpos, pois o sujeito mulher é mais afetado pelo ditame estético vigente, uma vez que tem sua imagem associada à beleza, e um dos atributos para ser considerada bela é estar/ser magra. E, ao refletir sobre o padrão estético imposto à mulher, observamos que há muitos estudos que

mostram como essa questão ganhou força. Nesse sentido, Wolf (2020) chama a atenção para a luta que as mulheres travaram (e ainda travam) para conquistar reconhecimento em todos os âmbitos, mas que, ao final dessas batalhas, não se pode dizer que elas se sentem livres como gostariam, uma vez que, nesta nova realidade, há uma preocupação trivial quanto à aparência física, questão que se um dia foi difícil de assumir, atualmente é escancarada.

O “mito da beleza”, conforme nomeia a autora supracitada, denuncia aspectos que não deveriam ser importantes diante de todas as conquistas femininas alcançadas, mas são. Quanto maiores os obstáculos vencidos, mais rígidos são os padrões de beleza impostos, isso ocorre sorrateiramente, mediante discursos de beleza, saúde, moda e bem estar, que atravessam os sujeitos mulheres e estes, interpelados ideologicamente, passam a não gostar de seus corpos, buscando incessantemente atender aos padrões de beleza impostos.

Nesse âmbito, para a AD, não há corpos que não estejam cingidos de sentidos constituídos por meio de práticas históricas e sociais. As transformações pelas quais ele passa, em cada período, mostram que o corpo não pode ser desvinculado do sentido produzido pela sociedade e, por isso, afirma Orlandi (2012, p. 95), “o corpo do sujeito está atado ao corpo social. E isto é constitutivo, é parte de seu processo de significação”, é constituído ainda, tomando a ótica discursiva, pela língua e pela ideologia, o que nos permite observar os sentidos (re)produzidos nele e a partir dele.

Trazer o corpo para reflexão é pensar sobre as ambições que buscam governá-lo de acordo com interesses tanto pessoais como coletivos. Já que cada decisão de manter o corpo controlado vai além de uma simples vontade, ela revela como é constituída de acordo com as CPs de cada tempo. As CPs são integrantes da exterioridade da linguagem e são compreendidas em seu sentido estrito e amplo: o primeiro refere-se ao contexto imediato da enunciação, trata do aqui e do agora; o segundo, mais amplo, trata do contexto sócio-histórico e ideológico, ambos interligados (ORLANDI, 2015). Em razão disso, o ideal de corpo é diferente em cada época.

Nessa perspectiva, a partir do século XX vamos observar que a preocupação com a beleza/estética ganhou ainda mais território e isso resultou na supervalorização da aparência física. A construção da vida moderna que, sobretudo, motiva maneiras de se expressar e organizar a realidade social, mostra que o ideal de corpo é guiado por essa organização, o corpo tornou-se capital, corpo é sucesso, prestígio e felicidade, se for magro. Hoje, podemos considerar os discursos veiculados pela mídia como o principal agente que legitima a busca pela transformação do corpo. Isso instiga o sujeito a buscar por produtos e bens que possam resultar em um corpo magro, logo, saudável e belo.

A partir do posto, observamos que a gordura, o corpo gordo, perde o *status* que teve um dia, em função do que é qualidade de vida, saúde e boa forma. Se, por um lado, a corpulência é desprestigiada, por outro, o corpo magro e esguio se aproxima do que é belo e ideal. Nessa lógica, a Formação Discursiva (doravante FD) é definida na AD como: “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (PÊCHEUX, 2014, p. 147, itálico do autor); ela dita, portanto, o tempo todo como o corpo deve ou não ser/estar para ser aceito. De forma concisa, a palavra, quando o sujeito enuncia, ganha sentido porque o que se diz é inscrito em uma determinada FD, que é o lugar onde os enunciados ganham sentidos. Quando o sujeito se identifica com determinados saberes/dizeres, ele se inscreve em uma FD, passando a ocupar o lugar de sujeito do discurso.

Há ainda, dizeres que, a partir do olhar masculino, pretendem regular o seu comportamento, com o intuito de ditar normas e manter sob poder e dominação. Dominação que é/era exercida pelo pai, irmão, depois marido e outrora, na falta destes, pela igreja. Quando olhamos a história das mulheres, é perceptível como elas sempre foram ditas/faladas por homens: médicos, filósofos, religiosos etc., isso traz como resultado a construção de uma imagem do homem em oposição à imagem da mulher que incorpora representações sociais.

Diante disso, podemos afirmar que ser bela, automaticamente, nos remete a imagem de um corpo magro, esse é o ideal que permeia a vida das mulheres. Assim, a concepção de beleza passa a ser vista como uma “obrigação” ligada à mulher; aos homens, os requisitos parecem ser mais brandos. No universo feminino, ressaltamos que a rigidez se dá de maneira que não há justificativa para que não se atenda aos imperativos de beleza. Não cuidar da aparência não é considerado apenas falta de vaidade, é também violar as normas sociais vigentes.

Nesse percurso, refletir sobre o que é um corpo belo não diz respeito a descrever o que é belo em contraponto ao que não é, mas a relação que efeminiza o sujeito. Isto é, uma memória que coloca as mulheres na posição de ocupar um determinado espaço na conjuntura em que se encontram. Por isso, não se pode falar de corpo e beleza feminina sem observar questões que regulam esse “poder dizer sobre”, decisivo na estruturação de papéis sociais.

Para nosso primeiro gesto de análise, tomaremos a imagem como texto. A imagem é discurso, uma vez que, a AD, como ressalta Orlandi (1995), além de aceitar a existência de diferentes linguagens, preocupa-se em entender o seu funcionamento, o que têm de característico nelas. O sujeito interpelado ideologicamente interpreta uma imagem de acordo

com a sua posição. Desse modo, diante de qualquer objeto simbólico, o sujeito, enquanto ser histórico, é levado a interpretar, a atribuir sentido (ORLANDI, 1995).

Sendo assim, no primeiro recorte, mobilizamos o imaginário de beleza que se tem sobre o corpo feminino e que é trazido na fala de uma das personagens, ao passo que produz um efeito de sentido de uma tela sendo pintada, já que retoma, na memória discursiva, as mulheres pintadas no Renascimento, especificamente. Período esse, como destaca Souza (2004, p. 87), “que mais dignificou a beleza feminina e o que mais lhe conferiu importância”.

Figura 1 - Dandara



Fonte: GORDA (RIBEIRO, Luiza Santos Junqueira, 2016)⁴.

Trata-se da imagem de Dandara, uma das mulheres gordas que depõem no curta-metragem. De início, ela se autoquestiona: “Por que não posso olhar pra mim da mesma maneira que olho para a Vênus? [...] Eu sou aquela obra de arte. Eu sou uma obra de arte” (GORDA, 2016 – Dandara). Há, aqui, uma retomada do período em que a magreza era desprestigiada, sinônimo de feiura, doença e pobreza, já que corpos opulentos representavam fartura de comida e dinheiro. Nesse sentido, o corpo retratado possuía formas redondas, isto é, os ombros, os braços, os seios e os quadris eram alargados. A beleza estava, portanto, no volume dos corpos (SOUZA, 2004).

Percebemos, pois, um movimento metafórico dos sentidos, em que concorrem o imaginário que se tem sobre a beleza “ideal” aliada à magreza, corpo escultural e medidas “perfeitas” com a imagem da mulher do vídeo. Esse movimento seria o que Pêcheux (1997;

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PVozftI7Ebs&list=PLeNMiYLFbSJ4umia5nIO9rVUprvPpuzxB&index=2&t=0s>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

2014) chama de efeito metafórico, um fenômeno semântico gerado por uma substituição contextual, produzindo um deslizamento de sentido sem que rompa com ele. Observamos, ainda, que as vestimentas retomam àquelas usadas pelas deusas mitológicas, que rompem com os padrões preestabelecidos ao passo que, pela via do corpo, não correspondem com os ideais de “feminilidade” e beleza. Ao trazer isso, a depoente interpelada pela ideologia dominante de beleza, questiona-se sobre o motivo pelo qual ela não pode se olhar com olhos de admiração, despreocupada com a forma de seu corpo, como o faz com a Vênus Adormecida, da obra de Giorgione (1508), citada pela personagem do curta.

Por mais que um dizer modifique semanticamente sua estrutura enunciativa, ainda assim existirá a equivalência de sentidos nessa cadeia semântica. É o uso de outras palavras para que a mesma coisa seja dita, é o uso de roupas das deusas gregas para dizer sobre a beleza da mulher gorda e sua posição na constituição do sistema patriarcal e na violência de gênero que tenta afetar o seu corpo.

Em consonância com Pêcheux (2014), trata-se de uma possibilidade de substituição de um termo por outro, nesse caso de uma memória que se tem sobre a mulher, em determinado contexto de uso, de modo a sustentar a manutenção de um efeito de sentido – a mulher bela, que, agora, vem tratar de uma outra beleza, a beleza gorda e negra, conforme apontaremos nas próximas análises.

Entre Dandaras e Elisas: o corpo que exclui

As representações da imagem do sujeito, principalmente quanto à beleza, sofrem alterações, uma vez que os conceitos de beleza construídos em determinados períodos históricos mudam, e essa mudança faz com que novos sentidos e, conseqüentemente, novos padrões surjam. Dessa maneira, a construção da imagem da mulher negra é oposta ao modelo ocidental, que é representado predominantemente pelo padrão da mulher branca, e se nos prendemos a essa condição, compreendemos que a mulher negra está distante de representar a beleza. O corpo negro é representado de diversas formas negativas, colaborando para construir uma imagem do sujeito negra(o) e isso é marcado, considerando o caráter ideológico, pelo racismo. Nesse cenário, desfila a desigualdade racial no Brasil, uma vez que o tom de pele parece determinar os lugares que os sujeitos devem ocupar na sociedade.

A discriminação, a seu turno, anda de mãos dadas com o preconceito, uma vez que baseada neste se efetiva através de ações que tem como finalidade segregar, **colocar à margem os sujeitos que destoam daquilo que é considerado como ‘normal’ ou ‘normatizado’, dentro de uma determinada conjuntura social. Essa realidade colabora para comprometer e deslegitimar, em certa medida, existências consideradas como destoantes em relação aos padrões vistos como aceitáveis para uma determinada sociedade** (SOUZA, 2018, p. 23, grifos nossos).

As representações negativas que se têm do sujeito negro construíram uma imagem em relação ao corpo negro. Imagem essa que entra em cena quando esse sujeito é colocado em uma posição de inferioridade e subalternidade. Assim, entendemos que as condições de ser mulher negra são distintas de ser mulher branca, pois há de se considerar que, quando falamos de corpos femininos, quanto mais distante esse corpo estiver dos padrões de beleza estabelecidos socialmente, mais estigmatizado ele será. Nesse tocante, são várias as interseccionalidades, que não podem ser pensadas como “um bloco fechado em que todos os corpos gordos são iguais e sofrem das mesmas exclusões e sofrimentos”, mesmo que haja identificação de sofrimento como, por exemplo, ser gorda, há outros existentes e que se somam a mais estigma, como afirma Jimenez-Jimenez (2020, p. 179). A mulher negra e gorda, além de sofrer gordofobia, sofre com o racismo.

As questões raciais relacionadas ao estereótipo, construídas pela sociedade quanto aos corpos dos sujeitos negros, em destaque as mulheres negras, são atravessadas pelo racismo em seu caráter ideológico, uma vez que “a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista e ser negra numa sociedade racista” (MUNANGA; GOMES, 2008, p. 133). Isto é, são significados dentro de uma FD discriminatória atrelada a uma FI racista. Nesse sentido, França (2018) lembra que o racismo é parte estruturante da formação social brasileira, os sentidos para/sobre a mulher negra se constituem, dessa forma, como naturalmente evidentes e reproduzem ‘estereótipos gendrados’ e racializados. A memória da colonização deixa marcas de um discurso racista e racionalizado e estabelece, conseqüentemente, os sentidos para/sobre a mulher negra.

Na AD, a ideologia é considerada responsável pela forma como constrói discursivamente nossa forma de pensar, pois através de seus efeitos se estabelece a naturalização de determinados sentidos e não de outros tantos possíveis na relação sujeito/mundo e sujeito/sujeitos. Nas palavras de Pêcheux (2014, p. 146, grifos nossos):

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais todo mundo sabe o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., **evidências que**

fazem com que uma palavra ou um enunciado queiram dizer o que realmente dizem e que mascaram, assim, sob a transparência da linguagem.

É, portanto, pela ideologia que temos ou não o efeito de evidência de dados sentidos no espaço sócio-histórico e na relação do sujeito com os sentidos e dizeres. O sentido, nesse processo, dá-se como sempre-já-lá. É nessa relação que se revela o modo como nós, sujeitos, sofremos o atravessamento do inconsciente que estabelece, por exemplo, nossos gostos/preferências, levando em consideração, especificamente, aqui, aquilo que se considera como um corpo belo ou não.

Ainda, na AD temos a organização das FIs, que são responsáveis pelos dizeres em determinada formação social e pelo lugar ocupado pelo sujeito na sociedade. De acordo com Pêcheux e Fuchs (1997, p. 166), “cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem 'individuais' nem ‘universais’, mas se relacionam mais menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras”. Ou seja: as FIs são as categorias concretas da materialidade ideológica e acomodam uma ou várias FDs interligadas. Percebemos, pois, que há uma naturalização de sentidos possíveis sobre o corpo, há dizeres que o constitui e por circularem socialmente ‘criam’ um efeito de verdade e obviedade. Parece que o corpo não pode se apresentar de um modo diferente daquele caracterizado pela ideologia dominante. Isso leva-nos a pensar os efeitos de sentidos sobre corpo belo e mulher bela. Ainda, nessa lógica, é esse efeito de evidência que atravessa o modo como os sujeitos, ao sofrerem o atravessamento do ideológico e do inconsciente, retratam a mulher negra e seus corpos, considerando que elas estão longe de atingir o padrão estético de beleza, já que ele é historicamente pautado no modelo branco e europeu. Dentro dessa esfera racial, a FD discriminatória legitima esse discurso e, em busca de tentar ao menos se aproximar desse modelo, as mulheres negras buscam por procedimentos estéticos variados.

Berth (2019, p. 113) assevera que “o belo é uma percepção e como percepção pode ser alterada”, fato que pode ser comprovado se observarmos o percurso que transcorre a história. A beleza é apreendida por cada sujeito de acordo com experiências e fatores, como idade, cultura, grupo social, educação, ideologia etc. Lembrando que, através da emergência desse efeito de evidência, ainda temos a ocultação de outros sentidos possíveis, mas que dentro de dada CP, tornam-se “impossíveis” de existir.

Considerando que os sentidos de gênero, de raça, de sexualidade e de outros marcadores identitários são socialmente construídos e interseccionam-se, “uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai

experienciar gênero de uma outra forma” (RIBEIRO, 2017, p. 61). Ser mulher negra resulta em vivenciar a sociedade de forma diferente quanto ao funcionamento dos discursos de gênero e as posições determinadas a esse sujeito também são diferentes para negras e brancas.

Assim sendo, o conflito é comum e resistir, nas condições atuais, é viver em constante embate social e individual. Souza (2018, p. 36) nos lembra que “a imagem de uma mulher negra não estava associada à concepção de beleza, ao contrário disso, esta era significada como feia”, tendo no cabelo o sinal de feiura que primeiro aparece. No entanto, se observamos, o cabelo se torna apenas mais um atributo no arsenal de quesitos para que as mulheres sejam consideradas “fora” dos padrões estéticos de beleza. Nessa lógica da “boa aparência”, mulheres negras buscam submeter-se a procedimentos estéticos que possam aproximá-las desse padrão, com intuito de modificar a aparência e, assim, poder ascender a lugares sociais, até então, reservados às mulheres brancas.

Nesse contexto, de acordo com Berth (2019, p. 113), “temos um elemento importante nos processos de dominação de grupos historicamente oprimidos”, pelo fato de os padrões estéticos estarem “pautados pela hierarquização das raças ou do gênero”, fato que resulta nos grupos dos aceitos ou não aceitos que serão deixados à margem para garantir a supremacia do que é socialmente “adequado”. É a partir desse ponto que se inicia um processo de distorção da visão de si próprio para o negro.

O corpo das mulheres negras e gordas significa diferente, é marcado por lutas e resistências que extrapolam o ideal de beleza, uma vez que outra força atua sobre ele, a força dos dizeres raciais; seja pela cor da pele negra ou pelo cabelo que já não é mais o liso, mas sim o crespo, isto é, outros efeitos de sentidos são produzidos sobre/para o corpo negro em processos de subjetivação. Há, portanto, um sofrimento com as pressões estéticas de beleza que não envolvem somente o fenótipo, mas também o cabelo, a cor da pele, suas condições sociais, enfim, a posição do sujeito-mulher negra e gorda frente a uma sociedade patriarcal e racista.

SD⁵1: “**Eu sei que de certo modo eu tô bem, que de certo tô/sou gostosa. E eu sei que sou/estou bonita, mas ... aquela coisa, tem o mais...não por completo, não como um todo. Ser gorda! [...]** Então, é... o meu dia a dia fora de casa é... é embate todo tempo. É eu não me sentindo confortável, é todo mundo me olhando e me julgando de diversas maneiras e eu me mostrando forte, **desde pequena me mostrando forte**” (GORDA, 2016 – Elisa, grifos nossos).

⁵ Entendemos que para analisar um *corpus* à luz da teoria da AD é necessário selecioná-lo, recortá-lo e segmentá-lo: eis que surgem as Sequências Discursivas (SDs).

A SD1 mostra o embate que existe ao tentar se desvincular do socialmente convencional. Por meio dela, é possível perceber que o movimento de resistência do sujeito-mulher-negra não se dá de forma tranquila, há o social agindo sobre o individual que, de maneira nada sucinta, move o desejo de fazer parte de um imaginário coletivo, uma ilusão disfarçada e distorcida em meio ao discurso da saúde e da boa forma física.

As mulheres negras são atravessadas por essa voz social – que dita as normas para o corpo – e pelo olhar do outro – que, desde o período colonial, discrimina sua cor e, hoje, a forma do corpo. Podemos assim dizer que é o espelho e a influência da própria visão, uma visão negativa e agressiva originada pelo colonizador, que favorece a inferioridade deste sujeito, afetando na aceitação de seu corpo. Nesse sentido, ser gorda, para as mulheres negras, é mais uma das formas de opressão/preconceito/discriminação, fato este que reforça ainda mais a alienação à autoimagem engessada socialmente. De acordo com Berth (2019), são as consequências que foram transmitidas e que agora confrontam a ideologia racial construída em torno da imagem das mulheres negras.

A opressão machista que funciona também para o sujeito-mulher-branca age junto a racista, pautando a existência da mulher negra. E se em um primeiro momento o cabelo era o elemento estético para autoafirmação “e de cultivo de amor a própria imagem, sobretudo para mulheres, sejam elas da etnia que forem” (BERTH, 2019, p. 72), depois as mulheres negras passam, desde pequenas, a serem alvos de estigma, rejeição e manifestação racista relacionado primeiro pelos cabelos. Toda essa manifestação de estigma, rejeição e racismo recai também sobre o corpo. E ser mulher e negra é viver nesse embate com o olhar do outro, que a julga de todas as formas: por ser negra e por ser gorda, reafirmando a ela, portanto, que não há possibilidades para que se “encaixe” nos quesitos de beleza.

Por consequência, a SD1 revela, de certo modo, como enuncia a personagem, que está bem com o corpo que possui, mas “não por completo”, pois nesse intervalo a FD, a memória do que é ser uma mulher bela que atravessa a vida desse sujeito, sacode o discurso e diz: não é bem assim, você é gorda, logo não pode ser bonita, nem gostosa, não por completo. Ser gorda fere o imaginário de beleza de corpo magro e ser negra os demais atributos que nos são postos socialmente, que forjam que isso é fugir a tudo o que a sociedade sugere que a mulher seja, feminina, bela e “saúdável” (leia-se magra). A gordura é considerada o oposto a todos esses “atributos”, é desleixo com o corpo, é falta de vaidade.

O normativo de ideal de beleza para a mulher sempre existiu, não é uma invenção da nossa época, o que se destaca agora são os discursos que não cessam, gritando que é possível ser bela, basta querer e se “adequar” aos padrões. Ou seja, não há mulher feia, há quem não

lute para atingir o “ideal” difundido socialmente. Nestas condições, a beleza é de responsabilidade meramente individual.

Seguindo em nossa análise, lembramos que o corpo relacionado ao símbolo de beleza, exaltado e protagonista de toda uma história, sempre foi o branco. Assim sendo, a partir desses ‘já ditos’, ou seja, corpos que não se encaixem no “normal” positivado (saudável, belo, magro) serão automaticamente excluídos e considerados como doentes, feios e gordos. Observamos, portanto, que a personagem traz à tona o problema diário que é lidar com a estética do seu próprio corpo:

SD2: “Peraí ela é bonita, mas ela é gorda eu sempre escutei isso: Você é tão linda porque não emagrece? Eu não posso ser bonita gorda eu só posso ser bonita magra. Sou bonita gorda? Não, eu tô naquele passinho para ser bonita” (GORDA, 2016 – Elisa).

Para a AD, “a palavra faz sentido tanto pelo que diz quanto pelo que deixa de dizer, instalando efeitos a serem lidos” (ROMÃO, 2007, p. 2016), isto é, para a teoria o não-dito também significa. Assim, no trabalho da memória, o movimento de sentidos, explícitos ou implícitos, se faz presente e nos chama a interpretar.

Na SD2, percebemos que o sujeito é atravessado por uma voz social que dita que ela não pode ser bonita tal como é: negra e gorda. Como já afirmamos, a FD do corpo magro, que entrecruza os dizeres do Outro, (re)afirma ao sujeito-mulher a inadequação em ser gorda. Ao afirmar: “Eu não posso ser bonita gorda”, além de mostrar frustração com o próprio corpo, sinaliza a ideologia que a interpela. Ela trava um embate com sua imagem, uma vez que o imaginário social reflete um outro modelo de corpo: magro, esbelto e torneado: na medida “perfeita”. Nesse sentido, beleza e saúde, aparência desagradável e doença, se associam como sinônimos no tocante ao corpo feminino (NOVAES, 2013).

Além dessa questão geral quanto à beleza, pensar na mulher negra é pensar que ela é vitimada, desde sempre, pela atuação do racismo e pela lógica machista/patriarcal já engessadas. Por ser mulher e negra, o sujeito da SD2 está “naquele passinho” para ser bela e é nesse passinho que temos o embate entre o sujeito-mulher, o corpo real e o corpo idealizado. É nesse “passinho” que se encontram muitos já-ditos e muitos não-ditos, aqui a ideologia dominante “sussurra” a esse sujeito: “você precisa se adequar” ou, então, “você precisa ser magra”. Talvez, seja a partir disso que podemos pensar a resistência desse sujeito-mulher gorda, uma vez que, conforme Orlandi (2012, p. 231), “não é, pois, pela magia, nem pela vontade, mas pela práxis que a resistência toma seu lugar”. Na SD em estudo, temos um sujeito que tenta resistir ao ideal demandado socialmente mesmo sabendo que não é julgada

bela. Essa tentativa de resistir revela um duplo relacionamento com o corpo, que ora é aceito, ora não.

O corpo é permeado por hierarquias e relação de poder do sistema socioeconômico de exploração/exclusão racial, naturalizado, notadamente a partir dos traços corporais do sujeito: cor, características físicas, cabelo, rosto etc. Sendo assim, o olhar que recai sobre o corpo negro nunca é neutro, pois ele se constitui enquanto é discursivizado por sujeitos que ocupam diferentes lugares sociais em uma dada conjuntura. E, ao falar sobre o corpo negro, o sujeito o faz a partir da sua inscrição em FDs que compõem as FIs. O seu dizer/olhar se dá através da ideologia e, em razão disso, produz efeitos de sentido que o caracteriza.

Para Novaes (2013), o olhar na era da ascensão das mídias é ver-se pelos olhos dos outros. Nesse ponto, o discurso sobre o corpo não fala somente dele, mas também das relações sociais que são retratadas por meio dele. Nele se imprimem as marcas que irão distinguir tanto o cultural como o social, fazendo com que a mídia mostre o que deve ser ocultado. Nessa perspectiva, a mulher passa a ser convidada a esculpir o seu próprio corpo, de acordo com os ideais aos quais se reporta.

Portanto, o modo como a imagem das mulheres é colocada pela mídia vai dizer a forma como o sujeito se vê e vê o outro. Além de disseminar imagens que não competem à realidade de todas as mulheres, ser malhada/torneada pelos exercícios físicos e/ou cirurgias estéticas, entre tantos tratamentos de beleza que se pode citar, ainda “a mídia-cultura parece estar sempre afirmando por meio de simulacros, que você pode – e pode imediatamente” (NOVAES, 2013, p. 82). O imediatismo funde-se ao imaginário agindo sob o sujeito que crê poder atingir, com muito esforço, o corpo desejado. Logo, não conseguir acompanhar os moldes impostos, traz à tona algo que é muito caro à mulher (negra ou branca), a sexualidade, o “ser desejada” em variados aspectos:

SD3: “Então, é ... eu não sou desejável para a sociedade. Desejável em diversos aspectos: desejável sexualmente, desejável para as pessoas com minha imagem, em relação à profissão e não sou desejável academicamente, o ambiente, como na faculdade de administração, todo mundo é branco de classe média e eu não sou desejável. Então, eu não sou desejável em diversos âmbitos é isso que eu percebo da sociedade, é isso que eu sinto da sociedade: Eu não sou desejável!” (GORDA, 2016, grifos nossos).

A moeda de troca social feminina tem a ver com a aparência, nas palavras de Novaes e Vilhena (2003), os qualitativos estéticos têm uma função preponderante na vida amorosa, familiar e sexual. Não basta ser uma boa mãe, uma esposa dedicada e uma profissional

competente, é preciso estar magra para que cada um desses papéis seja mais valorizado socialmente.

Ser mulher gorda, assim como ser mulher negra, é carregar consigo, desde a primeira infância, o peso da discriminação e estigma, que pode acontecer dentro da própria família, como também em todos os outros ambientes sociais, espaços públicos e privados. De acordo com Jimenez-Jimenez (2020, p. 56-57), esse corpo estigmatizado “entra numa concepção de descrédito, diminuindo-o a uma pessoa má, doente e ruim, que não é merecedora de ser tratada com respeito e dignidade. Assim, sob a justificativa de não ser normal, acredita-se que tal corpo merece um tratamento marginal”. Isso é o que nos direciona ao que é dado como normal/bom e anormal/ruim na sociedade. Lembrando, conforme a autora supracitada, que alguns desses estigmas até podem ser mascarados, no entanto, “o tamanho do corpo e a cor da pele são evidentes”, mesmo que se tente de alguma forma mascarar essas características por meio de roupas ou manipulações fotográficas, “assim como a evitação do sol, o alisamento de cabelo e os filtros nas fotografias de pessoas negras” (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020, p. 57).

O que nos remete que todo o cuidado com a aparência física é uma maneira de enfrentamento aos julgamentos e de busca por adequação às expectativas sociais. Por isso, os investimentos que são designados ao cuidado com o corpo e estética estão ligados à visibilidade social a qual se deseja atingir.

Nesse tocante, pensando em nosso sujeito, a mulher negra se depara desde pequena com mecanismos que rejeitam o seu corpo e a colocam como um sujeito singular. Desse modo, desde pequena, ela talvez se julgue feia e considere que seu corpo não é adequado à sociedade. Nesse sentido, o efeito “óbvio na criança negra seria de repulsa de si mesma” (BERTH, 2019, p. 118). Isso perpassa todas as fases da vida desse sujeito. Ser mulher negra e gorda é ser contemplada duplamente por discursos de rejeição instituídos pelo sistema que positiva a magreza em qualquer âmbito e dita que estar magra é uma condição de feminilidade.

Com base na SD3, percebemos que inúmeras vezes o sujeito repete o enunciado “eu não sou desejável”. Entendemos, pois, que o corpo, para ser “atrativo” ou, então, “desejado”, também deve seguir um perfil determinado, ou seja, é necessário que ele tenha músculos torneados e barriga definida (SANT’ANNA, 2014). Nessa perspectiva, pode-se compreender que atender aos imperativos do que é ser bela, como ser magra, por exemplo, é ser desejada também sexualmente. A partir disto reencontramos dizeres como ‘o corpo gordo não se encaixa na sociedade’. A imagem que o sujeito-mulher-negra e gorda faz de si é de não se encaixar ‘por completo’, isso resulta em um sentimento de ser traída pelo seu próprio corpo,

gerando insatisfação. Essa imagem é atravessada pelo imaginário social que ser gorda é, conseqüentemente, ser feia. De acordo com Wolf (2020), as mulheres devem ser magras, pois os homens desejam as que possuem esse modelo de corpo.

Ainda, ser desejada no âmbito acadêmico, conforme reforça a personagem na SD3, ambiente predominantemente branco, mesmo que nem toda mulher branca atenda aos requisitos estéticos para tal, a mulher negra carrega, além do julgamento quanto ao peso do corpo, o peso do racismo e o sentimento de inadequação resultante do bombardeio ideológico que define como ela deve ser/estar para ocupar determinados lugares sociais. Ser desejada, nessas condições, nada mais é do que buscar um olhar de aprovação do outro sobre si e sobre o seu corpo.

Considerações Finais

Aqui, não se encerra a discussão...

A imposição da beleza deixou (e ainda deixará) marcas na história, significativamente, na história de vida das mulheres, pois abre precedentes para incursão de rótulos variados que corroboram para o processo de exclusão desses sujeitos e de seus corpos.

Sendo assim, consideramos, com base na discussão realizada, que o corpo feminino sempre esteve ligado aos padrões de beleza, distinguindo, em cada época, o que é considerado belo ou não. Na atualidade, percebemos que a sociedade capitalista procura atrelar o corpo magro ao saudável e desejável, por outro lado, o corpo gordo é tido como representante do que é doente, feio e desleixado. Desse modo, o sujeito passa a ser, em tese, o único responsável por se adequar aos ditames impostos, e, uma vez que não atende ao perfil do corpo “perfeito”, é julgado por transgredir os valores que normatizam a sua forma física. “É assim que as pessoas obesas são, na maioria das vezes, caracterizadas pelo seu peso e não pelos seus outros atributos sociais. Elas são caracterizadas como ‘gordas’. O estatuto de ‘gordo’ ou de ‘gorda’ prevalece”, segundo Poulain (2013, p. 116), sobre qualquer outra qualidade do indivíduo.

Nesse cenário, partimos do princípio de que o corpo revela diferentes sentidos, pois está relacionado à história, ao social e ao ideológico. Por isso, ele é inscrito na/pela linguagem, visto que é atravessado por vários discursos que o consideram de formas distintas em cada tempo.

Diante do exposto, objetivamos analisar o corpo feminino negro e gordo, pois trata-se de um atributo a mais diante do racismo institucionalizado. Há várias interseccionalidades quando pensamos em corpos, assim, não podemos colocar todos os corpos gordos em um único grupo, pois há que se considerar que, quanto mais distante o corpo estiver do ideal imposto, somam-se mais formas discriminatórias a ele. É válido recordar também que há diversos estereótipos construídos em torno da imagem do sujeito negro que foram, paulatinamente, engessando-se no decorrer da história e que ainda continuam produzindo sentidos de submissão/exclusão.

Os sujeitos-mulheres das SDs analisadas enfatizam o sofrimento vivenciado pelo seu distanciamento dos imperativos de beleza – de magreza e de branquidade –, um sentimento de inadequação que as acompanha no decurso de suas vidas e aponta para o quanto é penoso viver em uma sociedade que tem padrões de beleza tão definidos. Desse modo, consideramos, portanto, que isso reafirma o funcionamento da ideologia, naturalizando, no espaço sócio-histórico e ideológico, como as mulheres precisam parecer para serem consideradas belas e, por conseguinte, aceitas socialmente.

Referências

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRAGA, Amanda. **Retratos em preto e branco**: discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil. 2013. 239f. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O corpo como materialidade discursiva. **Redisco**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2697/2242>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

FRANÇA, Glória da Ressurreição Abreu. **Gênero, raça e colonização**: a brasilidade no olhar do discurso turístico no Brasil e na França. 2018. 363f. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. 2 ed., Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luiza. **Lute como uma gorda**: gordofobia, resistência e ativismo. 2020. 237f. Tese (Doutorado em estudos da cultura contemporânea), Faculdade de Comunicação e Arte, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. A resistência negra: das revoltas ao movimento negro contemporâneo. In: MUNANGA, K.; GOMES, N. L. **O negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006, p. 107-133

NOVAES, Joana de Vilhena. **O intolerável peso da feiura**: sobre as mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro: PUC Rio; Garamond, 2013.

NOVAES, Joana de Vilhena; VILHENA, Junia de. Da Cinderela a Moura torta: sobre a mulher, beleza e feiura. **Interações**, v. VIII, n. 15, p. 9-36, 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S141329072003000100002&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. **RUA**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 35-47, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638914>>. Acesso em: 20 nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20396/rua.v1i1.8638914>

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. 2 ed., Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, S.; ORLANDI, E. P. (Orgs.). **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Tradução José Horta Nunes. 3 ed. Campinas: Pontes, 2020, p. 45-53.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualizações e Perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T.. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Tradução Bethânia Mariani et al. 3 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, p. 163-252.

POULAIN, Jean-Pierre. **Sociologia da Obesidade**. Tradução Cecília Padra. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

RIBEIRO, Luiza Santos Junqueira. **Gorda**. Publicado no canal Tá Querida. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PVozftI7Ebs&list=PLeNMiYLFbSJ4umia5nIO9rVUprvPpuzxB&index=2&t=0s>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. O discurso sobre a mídia nos entremeios da narrativa de Saramago. **Cadernos de Ciências humanas – Especiaria**, v. 10, n. 17, p. 215-245, jan.-jun.

Ana Paula Picagevicz; Andrielle de Chaves Bortolin; Isabela Karolina Gomes Ferreira Oliveira. Dizeres sobre mulheres: um olhar discursivo sobre/para o corpo gordo-negro.

2007. Disponível em: <<https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/867>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Descobrir o corpo: uma história sem fim. **Educação e Realidade**, v. 25, n. 2, p. 49-58, 2000. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/46832>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen (Org.). **Corpo e História**. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 3-23.

SOUZA, Natália de Lima. **Ethos e negritude**: cabelo e corpo como símbolos de identidade e autoestima de mulheres afrodescendentes. 2018. 80f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SOUZA, Auraci de Fátima da Costa. **O percurso dos sentidos sobre a beleza através dos séculos**: uma análise discursiva. 2004. 224f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

WOLF, Naomi. **O mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução W. Barcellos. 11 ed. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 2020.

Recebido em: 21 de junho de 2021

Aceito em: 1 de outubro de 2021